

O ILUMINISMO DE DENIS DIDEROT: Jacques, o fatalista e seu amo

Ricardo Kapczek de Andrade

Makoto Murakami

Diderot, atuando na filosofia, na estética, política e moral, é considerado o enciclopedista maior e um dos grandes responsáveis pela “democratização”, “vulgarização” ou “esvaziamento” da cultura, fato este que adquiriu grande importância nos círculos intelectuais europeus durante o Iluminismo. Preocupado excessivamente com a “expansão da verdade”, Diderot divulgou e defendeu o direito supremo do indivíduo em relação à felicidade e ao prazer; sua crítica voltava-se conseqüentemente contra o despotismo da moral e da religião, contra o seu dogmatismo — algo amplamente discutido e presente em seu livro *Jacques, o fatalista e seu amo*, de 1773, dentro do qual observamos o microcosmo de todo o conjunto que representou a sua obra: o cultivo da ciência, da filosofia e seu grande interesse pelas artes. Diderot era de fato um verdadeiro enciclopedista, o maior de todos.

O que unia os iluministas era apenas o sentimento e desejo comum em estabelecer uma sociedade em uma base mais racional. Não havia um programa iluminista estabelecido — uma vez que não existia homogeneidade de pensamento, nem um movimento ou sistema filosófico a ser seguido. No entanto, poderíamos chamar o Iluminismo de movimento cultural, no sentido dele ter expressado uma transformação vigorosa no campo das idéias, das artes, com algumas características em especial. Nota-se um vigoroso humanismo, a crença na capacidade humana de superar, através do uso da razão, os seus limites rumo a um progresso inevitável. O homem ideal do Iluminismo seria, seguindo as palavras de Vovelle, “livre, conquistador, verdadeiro dono do universo por haver exorcizado as forças da sombra e do passado”.

Primeiramente chama-nos a atenção um materialismo e um racionalismo fundadores desta crença otimista ou aspiração utópica no devir — em busca da perfeição do homem. O século XVIII era tido como momento de ápice da cultura humana; acreditava-se na capacidade do homem de controlar e conduzir a si mesmo e ao mundo através da ação e do cultivo de seu jardim particular. A razão era um poder original, a potência que capacitaria o homem para o verdadeiro conhecimento da realidade. Munido com este fogo, na tentativa de iluminar as trevas com as luzes da razão, o homem poderia superar suas tantas “limitações” — um exemplo desta idéia se encontra em Diderot, e será abordada nas páginas seguintes, em que serão tratados os aspectos particulares de sua filosofia.

Ainda no século XVIII, ao lado do racionalismo, aparece também a idéia de otimismo, que numa recusa total ao fatalismo faz uma dura crítica à igreja católica e seus dogmas. Para os iluministas não há tolerância em relação

a explicações não condizentes às leis da natureza — não se admitem explicações sobrenaturais ou atitudes resignadas como da impotência diante dos desígnios divinos. A estes “iluminados” os homens deveriam atuar diretamente sobre o “destino” humano, isto geralmente através da educação e do esclarecimento. É justamente dentro deste aspecto que irá surgir o livro *Jacques, o fatalista e seu amo*, onde Diderot urdirá uma pesada crítica zombeteira ao fatalismo e à obscuridade das crenças religiosas.

Com relação ao caminho da elaboração filosófica percorrida por Diderot, é através da tradução de Shaftesbury que se inicia. De sua influência absorve um humanismo moderado, otimista, individualista, reabilitando a natureza humana decaída, o prazer de viver, a vida na terra e toda a sorte de paixões. Essa é a equilibrada ponte pela qual Diderot transita, de um cristianismo sem firmeza, para um teísmo bastante cômodo. Destarte posiciona-se Shaftesbury, com seu novo herói cultural, o filósofo, como espécie de libertador do espírito do século XVII, abrindo-lhe o caminho das luzes. Seguindo esta trilha, Diderot com uma base individual publica em 1746 os *Pensamentos Filosóficos*, no qual opõe à revelação e ao dogmatismo a crítica e os direitos da razão. Acreditando que a moral não dependia da religião, apresenta-se Diderot com um deísmo moderado, concedendo amplo espaço às ciências e libertando no homem, sob o freio da razão, os seus instintos naturais.

A publicação *Carta Sobre os Cegos* é que revela em Diderot um pensador autônomo, que se encaminha para um materialismo organicista — a incerteza diante da teoria, as noções de “beleza” e “ordem” perdem substância. Surge então a idéia de geração espontânea, e ao descobrir Bacon, a preocupação com o método nas ciências. Com a *Interpretação*, Diderot abandona por fim toda a especulação metafísica, tomando parte da investigação positiva — seu essencial compromisso apresenta-se sob a roupagem do progresso humano. Neste momento Diderot acredita, em sua particular filosofia, na idéia de mundo como algo semelhante a um grande animal, em que a alma seria um infinito sistema de percepções, e o próprio mundo, portanto, um grande Deus. Se há ordem, se há beleza, ela está dentro dos homens como um resultado de suas operações a respeito da natureza e de seu próprio corpo — “o céu das Idéias está no homem.”¹

No *Sonho de d'Alembert* há outras idéias caras. Diderot propõe, a partir das idéias de geração espontânea e de transformação, o quadro de um universo em eterno devir. Se o sistema no homem é frouxo, sem energia, dá-se, na constatação, a existência de um ser fraco e obtuso; se o princípio é vigoroso verifica-se a existência de artistas, e assim em diante. As idéias de seleção

¹ GUINSBURG, J. Diderot: O Espírito das “Luzes”. In: *Obras I. Filosofia e Política*. São Paulo, Perspectiva, 2000, p.65-71.

natural, de célula, de evolucionismo cósmico também se fazem presentes neste momento. Com o *Sonho de d'Alembert* parece brotar o essencial do que viria a ser a filosofia diderotiana a respeito da natureza. Mas é apenas *Nos Elementos de Fisiologia*, que “o homem é rebaixado de sua altura metafísica, sendo analisado como homem fisiológico, produto da organização de múltiplas funções e órgãos”. Para Diderot a alma apresentava-se como a “organização da vida”.

A partir de 1770 aparece o Diderot moralista. Sua ética muito mais que uma afirmação ou doutrina, uma filosofia, apresenta-se como uma constante indagação. Tendo como objetivo criticar e denunciar a irracionalidade, é através de seus “contos vívidos” que Diderot reivindica o agir de acordo com a natureza, os direitos da paixão e a vida em liberdade. A seu ver o homem natural seria anterior ao homem da lei, e a razão da espécie humana muito mais sagrada que a razão dos legisladores. É o que se encontra no *Suplemento à Viagem de Bougainville*, de 1772, onde Diderot dispara contra a tirania do homem e contra as “instituições religiosas que atribuíram o nome de vício e virtudes a ações que não eram suscetíveis de nenhuma moralidade”. Sua função é falar a favor das reformas de leis insensatas, mas sempre respeitando a ordem.²

Aludindo mais diretamente ao romance em Diderot, alvo de nosso interesse, é importante compreender que a arte, ao seu ver, não se apresenta simplesmente como uma reprodutora do real, mas de algo que o ilumina através de seu característico e significativo. *A religiosa* e *Jacques* são retratados como um universo ficcional repleto “de paixões e vinganças, de aventuras e crimes, onde os celerados são tão admirados quanto os virtuosos”. Sendo de certa forma realista em sua abordagem, Diderot aplica uma forte carga especulativa nestes romances, “produto de paradoxos e hipóteses, que se prendem, sobretudo aos problemas da filosofia e da Ilustração.”

Em *Jacques, o fatalista*, a questão principal gira em torno do determinismo, do fatalismo e da liberdade. Se por um lado o Amo, por ser livre, se considera conhecedor de seu destino, por outro Jacques ou o serviçal, por acreditar no destino, considera-se ignorante em relação ao seu futuro. Há o desenvolvimento duma dialética entre a necessidade e a incerteza com relação aos caminhos. Ao mesmo tempo em que o ridículo, o patético, a completa zombaria se impõem, surge um reino da sensibilidade, duma vida dos instintos onde a casualidade natural dita as regras, deixando o Amo desajeitado. O debate filosófico é o centro deste romance, que mais à frente abordaremos detalhadamente.

Será visto que o homem, para Diderot, está longe de ser apenas um simples agregado de moléculas vivas. É, ao contrario, um ser altamente

² Ibid., pp.77-78. Este pensamento encontra-se em KANT. Op. Cit.

complexo, onde se localiza a sede do delicado sistema nervoso com suas operações psicofisiológicas. Diderot procura tratar dos “dilemas duma filosofia que tende unir o prazer à virtude, a fibra física à moral, a determinação à liberdade.” O seu homem perfeito precisa necessariamente se aliar ao chamado homem natural — a razão aliada ao instinto, a alma unida ao corpo e o natural conciliado com o social. Para o Diderot “o único dever é o de ser feliz”; mas como a felicidade dependeria, ao seu ver, da virtude, esta também se faz necessária.

Algo obscuro, contraditório, inteligível e dispensável — eis, para Diderot, tudo o que faz referência à Divindade. É categórico em afirmar que as leis da natureza devem ser respeitadas acima de tudo, e que o bem dos particulares deve ser ligado estreitamente ao bem geral, afirmando, desta forma, uma recompensa à virtude e um castigo à maldade. Diderot cria e propagava através de seus escritos, seus romances, que Deus queria que os homens fossem felizes, que vivessem a vida, em vez de simplesmente desperdiçá-la cultuando-o ou adorando-o. “Crédula ou incrédula, a criatura será julgada por seus atos e segundo um código que coincidirá com o de um Deus infinitamente justo e bom.”³

Não precisa ler muito Diderot para perceber que se está diante de um homem que privilegia o diálogo e o paradoxo. Seu objetivo era alcançar a unidade, tanto que na sua filosofia da arte, o emocionalismo e intelectualismo polarizam todo o processo. Ao fim conclui Diderot que a beleza é uma percepção apenas do homem e que resulta de sua estrutura física e mental. No entanto só poderia haver duas concepções da arte em Diderot: se um vê a arte como transcrição simbólica, outro insiste em tê-la como cópia fiel da realidade — a arte imita a natureza ou a natureza imita a arte? Esta é uma pergunta que também aparece, se confunde, e não encontra saída em *Jacques, o fatalista*. Tal qual uma obra de arte, assim era Diderot — “uma confluência da espontaneidade da natureza com a finalidade do homem, entre a visão profética e a previsão científica.”

Devido ao uso público do saber, desta popularização do conhecimento, em muitos aspectos Diderot terminou por prejudicar a crença religiosa, sendo acusado do lado cristão, como “perigoso oportunista”. Nesta corrente, a democratização da liberdade, o direito ao prazer terminaria por conduzir, por seu caráter de justificação e em nome da natureza, a uma “perversidade absoluta.”⁴ Mas para Diderot há uma continuidade entre vida e matéria, caracterizando esta última como algo sensível e não inerte. Portanto, esta tendência materialista observada em Diderot também possui em

³ Ibid., pp.82-83.

⁴ ROMANO, Robert. Diderot à porta da caverna platônica: sonhos, delírios e figuras da razão. GUINSBURG, J. Op. Cit. Este pensamento pertence a Mario Praz.

contrapartida um impulso ideal — freqüentemente observa-se uma intensa valorização da moralidade e das artes, uma moral independente de Deus, mas com intrínseca ligação a todos os atos superiores localizados no interior do homem.

Platão foi para Diderot um mestre insuperável, o que era pouco comum em pleno século XVIII francês, em que Voltaire era tido por modelo absoluto. Mas, de certa forma contra esta corrente das luzes, Diderot posicionou-se ao lado de Rousseau, não recusou o pensamento platônico. Fascinado pela tríade platônica, do Bem, do Verdadeiro e do Belo, Diderot apresentava-se como espécie de filósofo — em busca de um possível vínculo entre filosofia e arte, tentando assimilar Platão à filosofia moderna.

Como se observará com maior nitidez, Diderot era grande admirador do ecletismo, optando por um via equilibrada. Distanciado, através do vínculo com Platão, de um materialismo vulgar, cria que as artes jamais produziriam fotografias do real, mas unicamente da imagem que os homens faziam em suas mentes. No Salão de 1767, Diderot afirma que o modelo da arte é “um ser totalmente ideal” — a arte deveria ser pensada como *cosa mentale* (Da Vinci). Neste Salão ocorreu o momento decisivo para a sua futura formulação das doutrinas sobre o conhecimento, sobre os costumes e a vida artística. Os textos deste período demonstram a profunda influência de Platão na filosofia geral diderotiana.⁵

É interessante ressaltar a preocupação de Diderot com o estilo e a forma. A linguagem que em prega em suas obras, assim como também se constata em *Jacques, o Fatalista*, é viva e repleta de imagens. Trata-se de um ideal caro a Diderot: o do rigor ético e metodológico — o respeito pela verdade. No livro que será analisado observa-se nitidamente este aspecto de tratar a literatura de forma realista e não simplesmente ficcional como era observado nos romances habituais, com suas histórias já pré-determinadas. Instaurando um debate a respeito da vulgarização, Diderot objetiva larguear a audiência da filosofia sem, no entanto, prejudicar a sua dignidade. Perseguindo o ideal do brevílquo — da máxima concentração de energia — sua busca era obter uma expressão perfeita.

Tudo isso analisado reflete a constatação de Diderot acerca da pobreza da linguagem e da pobreza da própria arte a fim de expressar a perfeição da coisa concebida, a *cosa mentale*. As palavras, as pinturas seriam impotentes, mudas, uma vez que “são e só podem ser os sinais aproximados de um pensamento, de um sentimento, de uma idéia.” Para Diderot as palavras não representavam exatamente como eram as coisas na realidade. Sua obra de arte deveria ser pensada como tradução do ideal para o empírico. Uma vez que chegava a defender amiúde o silêncio enquanto remédio transitório contra as

⁵ Ibid., p.32.

inflações discursivas, Diderot cria que apenas as artes concediam a possibilidade de se ir além dos limites da palavra.⁶

Diderot assumiu a luta contra a superstição que imperava em seu século — Platão lhe serviu de guia — desmistificando todas as mentiras. A caverna platônica é interpretada como sendo o lugar em que “os distraídos mergulhavam na ignorância coletiva.” Para Diderot não havia nada do lado externo à caverna, pois era o *sonho* o responsável e condutor à experiência da infinitude no *interior* da natureza humana. Observa-se neste aspecto o peso de Spinoza nos pensadores do século XVIII. Se a presença nos textos de Diderot, de impostores, teólogos, profetas “e todo bando de mercadores de esperanças (de ilusão) e de temores”, deve-se a um vínculo a Platão, Spinoza o ajuda a constatar a sensibilidade da matéria. Observa-se em Diderot uma inédita tentativa de fusão entre platonismo e materialismo. Afim, do mesmo modo, à filosofia de Leibniz, Diderot buscou uma síntese superior, no seu projeto de superar os opostos entre materialismo e idealismo.⁷

Todos estes aspectos acima rapidamente vistos estão presentes em *Jacques, o fatalista*, um dos últimos livros de Diderot, que tinha em Richardson seu grande arauto e exemplo de romancista. Fundamentado na idéia de que a consciência moral estaria ancorada, sobretudo, na infinitude sem transcendência, a caverna de Platão, a seu ver, seria a representação da subjetividade humana. Para Diderot, Richardson era quem levava a luz para dentro da caverna escura — “iluminando a verdade por detrás dos mascaramentos.”

A palavra sublime serve como guia na busca de Diderot. “Entre Spinoza e Platão, materialismo e idealismo, Diderot procura pensar a vida material e espiritual de um modo dinâmico, próximo a Leibniz, e sem abandonar Locke.” Mas é o sublime que liberta Diderot desde dualismo — sua idéia de infinito. Credo na alma como metáfora do corpo, este seria a única fonte de todo o infinito e merecia ser bem tratado e valorizado. Seguindo a idéia de Marcuzzi, de substância pensante, haveria uma força interna que disporia a matéria ao movimento, em uma tendência para a atividade. Assim, a idéia de infinito surgiria de uma contradição, de um desequilíbrio ou da desarmonia das sensações, das disfunções deste corpo sensível. A constatação deste pensamento estaria no exemplo da visão perder a referência da grandeza visível quando imersa na escuridão — existindo apenas uma imensidade subjetiva, que brota de dentro do corpo como forma de superação de seus limites. Conclusão: não há idéia de infinito sem a base corporal humana.⁸

⁶ Ibid., pp.28-34.

⁷ Ibid., pp.37-39.

⁸ Ibid., pp.41-43.

Destarte, após passar pelos pensamentos de Platão, Spinoza e Leibniz, Diderot parece encontrar um caminho particular. Na sua estética e na sua filosofia da liberdade, da reabilitação do homem ao direito do prazer, a alma é apenas o desdobramento superior e oscilante do corpo. No pensamento de Marcuzzi, “o homem é máquina de produzir o infinito”. Diderot apresenta, através de sua obra, a vida em sua plenitude, com a arte, a política e a moral interpoladas. “Em frases repletas de calor Diderot confirma a doutrina de Spinoza da alegria como base de afirmação existencial contra o charlatanismo dos profetas letíferos que imperam na caverna ainda não iluminada pelas ciências e pelas artes.” A filosofia, a arte e a ciência eram os pretextos que Diderot encontrou para seu filosofar acerca da vida e com a vida. Assim, também observamos em *Jacques, o Fatalista*, um microcosmo de todo o caminho percorrido por Diderot, sua busca da verdade, e acima de tudo seus incansados questionamentos sobre a arte de viver.

Com *Jacques, o Fatalista*, Diderot instaura o reino da perplexidade, da indecisão e da incerteza. Contra o dogmatismo religioso e a favor da liberdade? Ainda não sabemos. Nossa tentativa de interpretação esbarrou nos próprios obstáculos levantados pelo autor. Diderot em nenhum momento afirma, concedendo à obra um aparente tom de completa zombaria e desleixo. Sua intenção parece ser o contrário do que fazem os deterministas — enquanto estes afirmam categoricamente, numa atitude fatalista, Diderot apenas questiona. Instaura-se o paradoxo, a dúvida frente ao fatalismo, a constante indagação iluminista. Assim toda a sua história é uma espécie de sátira aos próprios detentores de verdades absolutas, uma crítica da irracionalidade, mostrando a falta de fundamento, as contradições, o caráter anti-natural deste próprio sistema do inevitável.

Como já dito neste estudo, sua abordagem apresenta certo caráter realista. Assim como o real é apreendido de forma confusa, parcial, subjetiva, pessoal e ideal, não há como não sobrepor à história fortes teores especulativos, hipóteses e suposições, pois não devemos nos esquecer das últimas palavras de Diderot: “o Primeiro passo para a filosofia é a incredulidade.”⁹ No romance, *Jacques, o Fatalista*, o debate é essencialmente filosófico. Dividem espaço o picaresco e as intenções do autor: a vida é apresentada na sua realidade como um terreno fértil para a sensibilidade, para o reinado dos instintos. E nesse cenário a incerteza em relação ao futuro é mediada com os frutos da necessidade humana que interfere no destino. No entanto, quem de fato parece ditar as regras é a natural casualidade dos acontecimentos.

Dentre os dois principais personagens da história, Jacques e seu Amo, este último é rebaixado de sua posição de senhor, de livre-pensador, através da

⁹ GUIBURG, J. Op. Cit. p.60.

dúvida, para a caracterização de um verdadeiro fatalista.¹⁰ Pois uma vez que se julga livre, o Amo também se supõe detentor de segurança em relação a seu futuro, neste caso pré-determinado — um futuro que a cada revelação o deixa perplexo e desorientado. Jacques, por outro lado, apesar de ser apresentado a princípio como um simples servidor, assume na história o papel principal, como verdadeiro senhor de seu “Amo”. Embora acreditasse nas determinações do destino, era totalmente ignorante em relação ao seu futuro — caracterizando-se como a representação de uma viva contradição ao caminhar “confiante” em direção ao desconhecido: uma confiança que só era possível por que seu fatalismo lhe servia de apoio e amparo.

Constata-se através dos questionamentos de Diderot a possibilidade de não existir uma lógica ou um comando externo que determine de fato a ação dos personagens. Em alguns momentos temos a impressão que o próprio Jacques é que escolhe ou não o seu destino, mas não assume a responsabilidade da escolha, sempre a transferindo para uma força externa existente ou não, posicionando-se como espécie de marionete. Seria um disfarce, um exemplo de subterfúgio? A revelação desta dúvida é dada ao fim do livro, não se sabe se por “solução” mágica do autor, ou mesmo por antecipado planejamento. Para mostrar que as coisas geralmente não são o que parecem ser, Diderot surpreende os seus leitores: à inspiração que vinha de cima para baixo, à resignação das ordens do céu, não havia nenhuma referência a Deus.

Como o livro é disposto de forma confusa, complexa, repleto de histórias sobrepostas, preferimos por adotar um método que acreditamos um dos mais apropriados nesta tentativa de análise. Iniciaremos apresentando nossas primeiras impressões como leitores, pois mais que uma avaliação fria e distanciada, nada mais condizente com os objetivos de Diderot que encarar o seu romance como de fato deve ser encarado, ou seja, simplesmente como uma obra de caráter pedagógico e iluminista, dirigida ao povo, e não como um sistema filosófico. Quais são as características comuns encontradas ao longo das histórias? Quais os aspectos mais recorrentes? É deste ponto que partimos, e sempre direcionando a leitura tendo por base o ideário iluminista e seus deslocamentos.

Quais, portanto, as primeiras impressões suscitadas pelo leitor quando se depara com o livro *Jacques, o Fatalista, e seu amo*? O livro de Diderot possui três temas principais: a viagem para lugar nenhum; o relato dos amores de Jacques; o fatalismo. Diderot nos lança para o seu universo em plena atividade: “Como eles se encontraram? Por acaso, como todo mundo... De onde vinham? Do lugar mais próximo. Para onde iam? Quem sabe para onde vai? O que diziam? O amo, nada; Jacques dizia que seu capitão dizia que tudo

¹⁰ KANT. E. Op. Cit. Referência ao estado de supertutela

que nos acontece de bom e mal estava escrito lá em cima.”¹¹ É interessante notar que não há um início propriamente dito. De súbito vemo-nos perdidos no meio do caminho, e os personagens apesar de surgirem do nada, já nascem previamente “maduros e desenvolvidos”, fazendo-nos pensar muito mais num relato da realidade feito por um observador qualquer, do que em uma criação ficcional propriamente dita. A viagem para lugar nenhum remete a uma concepção desvinculada da idéia de acomodação anexada ao fatalismo.

Utilizada como pano de fundo, a história dos amores de Jacques é uma espécie de provocação ao leitor — o aparente objetivo de Diderot é prender o seu público até o término do livro, causar sua perplexidade e a destruição de suas expectativas, a fim de que uma idéia geral, universal, subjaza à visível particularidade. Por isso o livro é recheado de histórias paralelas, ora contadas por Jacques e seu Amo, ora pelos personagens secundários, ou ainda pelo próprio autor. Ainda a respeito destas intervenções de Diderot, é importante salientar que estas se fazem de maneira recorrente e insistente, muitas vezes aborrecendo o leitor de tanta impertinência, fato que ele mesmo reconhece.

O escritor tem o mundo em suas mãos, e pode dar o destino que melhor aprouver aos seus personagens. É um criador, e como espécie de “divindade” controla toda a sua realidade arquitetada. Jacques e seu Amo talvez pensem que são livres, mas não sabem que há um Deus, um criador escrevendo as linhas de suas vidas — neste aspecto não passam de títeres, personagens nas mãos do escritor. A insistência de Diderot em se fazer presente dentro do livro apenas reforça esta teoria. Como se fosse uma espécie de Deus, Diderot, zombando do próprio fatalismo, brinca sobre a possibilidade de infinitos rumos e caminhos que poderia dar a sua história — instaurando a viagem para lugar nenhum. “Mas, por Deus, leitor, perguntai-me, para onde estavam indo?... Por Deus, leitor, respondo: acaso sabemos para onde vamos? E vós, para onde ires?”¹² Sendo o escritor aquele que determina o destino de seus personagens, não terá Diderot naufragado em seu objetivo de crítica ao fatalismo? Mas esta é outra história.

Sabe-se que não se trata de um verdadeiro romance — o próprio Diderot o combate ao longo do livro: “não estou fazendo um romance”. Segundo ele estes já possuem os fatos pré-estabelecidos, ordenados numa seqüência a qual todos já sabem quais serão os próximos passos — acontece apenas o que se espera que aconteça, reduzindo a vida a uma seqüência determinada, limitada e sem oportunidades de mudança. Nada, pois, mais contrário à crença iluminista, faminta pelo progresso e pela transformação. Assim, Diderot também revoluciona a literatura, ao propor o retrato real de um

¹¹ DIDEROT, Denis. *Jacques, o fatalista e seu amo*. Nova Alexandria, São Paulo, 1993, p.15.

¹² *Ibid.*, p.54.

microcosmo, com seus acasos, necessidades, avanços e retrocessos. Retrutando a vida na sua verdade, o autor poderia florescer a história, mas não o faz, pois seu interesse é contar a realidade e não apenas uma história de amor.

Na verdade todo o livro reflete o espírito iluminista. Num rápido diagnóstico, partindo do próprio título da obra percebe-se uma aparente intenção do autor de “atacar”, ou ainda, ironizar a crença fatalista — ler-se-ia cristã? É o que de fato se observa em todo livro, onde indiretamente a grande interrogada é a instituição da Igreja. Frequentemente Diderot alerta para o aspecto ilusório das aparências — todos se enganam, inclusive os próprios leitores lançados à perplexidade diante dos caminhos e revelações nada habituais escolhidos por Diderot, interessado, sobretudo, na verdade. O autor pretende desmascarar “os mercadores de ilusões”, como já dito páginas acima — seu objetivo é levar o facho de luz para a caverna obscurecida. Observa-se, outrossim, além da crítica indireta e direta à Igreja, uma ironia ácida em relação à vida no claustro, aos monges em geral, ao voto de pobreza e, sobretudo, aos dogmas, doutrinas e princípios (anti-naturais).

Mostrando as peripécias e aventuras, as maquinações por detrás do meio religioso, Diderot parece preocupado em alertar para o perigo de se crer nas aparências — que os sentidos frequentemente se enganam quando ainda estão mergulhados na minoridade. Estes “espertalhões” seriam os únicos a se beneficiar da boa vontade, ou ainda, da ignorância do populacho. A Igreja seria uma das grandes representantes das trevas de um mundo estrategicamente “acorrentado” e não esclarecido. Jacques, se colocando como um padre com sua postura fatalista, revela um conhecimento prévio do caminho.

Jacques seria, na verdade, o tutor de seu Amo; e este, o servo do fatalismo de Jacques. Nas páginas finais do livro, ao perceber que seu Amo cairia do cavalo, Jacques “atenciosamente” segura-o, embora não esboçasse nenhuma intenção de realmente ajudá-lo. Sua atitude desleixada, destarte, termina por deixar o Amo furioso, que em desatino dispara atrás de seu criado, realizando círculos em volta dos cavalos.¹³ Consta-se então que tudo houvera sido premeditado por Jacques. À pergunta do Amo referente ao fato da real possibilidade de ter se ferido na queda, Jacques simplesmente responde que estava escrito lá em cima que isso não aconteceria: “Não ficou evidentemente demonstrado que, na maior parte do tempo, agimos sem querer? Ponde a mão na consciência: desejastes alguma coisa de tudo o que fizestes ou dissestes de meia hora para cá? Não tendes sido minha marioneta e não continuaríeis a ser meu polichinelo durante um mês, se eu assim resolvesse?”

Nota-se, portanto, que o amo não manda no vassalo. Para Jacques estava escrito lá em cima que este deveria servir ao seu amo apenas quando lhe

¹³ Ibid., p.248.

aprouvesse.¹⁴ — “Estipulemos: primeiro, tendo previsto que está escrito lá em cima que vos sou essencial e que sinto, ou sei, que não podeis passar sem mim, abusarei desta vantagem todas e quantas vezes a ocasião se apresentar.” Nestas palavras o “servo” se justifica. Continuando: — “Estipulado ou não, sempre foi assim, hoje é, e assim será enquanto o mundo existir. Supondes que outros como vós, não tentaram se furtar a esse decreto? Sereis mais hábil do que eles? Abandonai esta idéia, e submetei-vos a lei de uma necessidade de que não podeis-vos libertar. Estipulemos: segundo, tendo previsto que é tão impossível a Jacques não conhecer sua ascendência e força sobre o seu amo, quanto o é ao amo desconhecer sua fraqueza e despojar-se de sua indulgência, cumpre que Jacques seja insolente e que, em nome da paz, seu amo não se aperceba disso. Tudo foi arranjado a nossa revelia, tudo isso foi selado lá em cima, no momento em que a natureza fez Jacques e seu amo. Foi combinado que teríeis o título e eu a coisa. Se quiserdes vos opor a vontade da natureza não estareis fazendo nada mais que o óbvio.” Assim Jacques revela-se, aos olhos de Diderot, como condutor de seu amo, da mesma forma como os padres conduziam o seu rebanho, num estado de supertutela — idéia esta já presente em Kant, no seu texto *O que é o esclarecimento?*.

Jacques, um fatalista amoral, esperto, de forma alguma inocente, transforma-se nas mãos de Diderot como a personificação da ironia ao próprio fatalismo, mostrando o lado insustentável, ambíguo e absurdo de sua crença, invertendo de certa forma o processo, transformando Jacques em seu mais fiel arauto e disseminador de incerteza. Com seu “anti-herói”, Diderot poupa-se ao trabalho duma crítica séria, deixando o fatalismo livre para destruir a si próprio. A crença fatalista, esta postura, representa acima de tudo comodidade, resignação, passividade, indolência, complacência, misticismo e servidão frente os homens e à vida — tudo o que o ideário iluminista não poderia aceitar com sua defesa da liberdade, do progresso, da evolução e atividade da espécie humana. Não sendo ateu, Diderot simplesmente não acreditava que a moral dependesse da religião. A seu ver a razão deveria caminhar e agir conjuntamente, e de forma regulada e harmoniosa, ao lado dos instintos.

Diderot, ao fim do livro, chega a comparar o fatalismo a embriaguez — uma “inspiração que vinha de cima para baixo.” Jacques quando precisava tomar alguma decisão, escolher, sempre dizia: “Interroguemos o cantil.” Assim, qual um bêbado, este seguia unicamente o que determinava o seu cantil, escoltando de certa forma a antiga filosofia de que a verdade estaria no vinho. Mas é claro que a intenção de Diderot é ridicularizar tal atitude. Em certo momento do livro, o narrador interrompe: “Gosto de Rabelais, mas prefiro a

¹⁴ Ibid., pp.157-158.

verdade.” Destarte revela-se a sóbria postura de Diderot, estabelecendo um nítido paralelo entre religião-embriaguez-ilusão, e sua “espuma profética”.¹⁵

No início do livro Jacques principia o relato dos seus amores. De pronto vem à tona a contradição, a ambigüidade manejável do fatalismo. O diálogo do Amo acerca da possibilidade de um camponês ser ou não chifrado por Jacques é interessante para uma mais fácil verificação: “O AMO: estou imaginando uma coisa... teu benfeitor teria sido chifrado por que estava escrito lá em cima ou, por que estava escrito lá em cima, teria feito de teu benfeitor um corno.”¹⁶ Da mesma forma outras duas construções, em que se verificam fortes dualismos, se seguem a esta. À primeira, nas páginas 22 e 23, estão Jacques e seu Amo em um albergue. Jacques, confiante nos desígnios já traçados, se impõe sobre doze homens; mas temeroso de seu destino dirige-se ao quarto, tranca a porta, recolhe a chave, e foge sem pressa — uma vez que tudo já estaria escrito para que a pressa? — perguntando a si mesmo: “Somos nós que levamos o destino ou é o destino que nos leva?... Quantos projetos tão prudentemente arquitetados falharam, quantos falharão?” Se de fato estaria escrito que eles seriam pegos ou não, por que então Jacques certificou-se de trancar a porta antes de sair? Jacques apesar de acreditar em seu destino, certifica-se de pegar as chaves, e só caminha sem pressa, pois tal atitude lhe concedia tempo e tranqüilidade — isto é, desconhece o seu futuro, o que o faz precaver-se, contradizendo-se.

Outra passagem interessante do livro é quando o cavalo de Jacques, recém comprado, dispara para um patíbulo, derrubando-o em meio às forcas. Para Jacques e seu Amo, influenciados pelo misticismo, isto significava um ruim presságio: “O AMO: Diabo! Isto é de mau-agouro! Lembra-te de tua doutrina, se estiver escrito lá em cima, por mais que resistas, serás enforcado, meu amigo; se isto não estiver escrito lá em cima, o cavalo mentiu.”¹⁷ Mais adiante o incidente volta a se repetir — surge a revelação: o cavalo de Jacques era na verdade o antigo cavalo de um carrasco, havendo, portanto, uma explicação lógica frente ao infundado misticismo. Diderot, como já observamos, impetrava um seria batalha contra a superstição e ignorância que reinavam dentro da caverna platônica.

Em dois momentos observa-se uma nítida ironia de Diderot a respeito da caridade.¹⁸ A segunda história em especial merece atenção: trata-se da narrativa de uma pobre mulher que Jacques encontrara em uma praça, chorando em desespero devido a uma dívida. Ao ver o seu lastimável estado, num lapso de altruísmo e com segundas intenções, Jacques oferece a maior

¹⁵ Ibid., p.201.

¹⁶ Ibid., p. 19.

¹⁷ Ibid., p.50.

¹⁸ Ibid., pp.45-82.

parte de seu dinheiro, ficando num completo prejuízo em relação as suas próprias dívidas. Tendo por objetivo levantar uma interrogação sobre a caridade — bela ação ou tolice? — Diderot faz com que seu personagem Jacques, já de bolsos vazios, perto de casa, seja assaltado e espancado devido à falta de dinheiro. Ouvindo esta história o Amo se enraivece, se sente dentro da história, perguntando como tal injustiça poderia ter sido escrita no grande pergaminho. A resposta de Jacques é enfática: “Meu amo, na vida não sabemos do que nos alegrar nem do que nos afligir. O bem traz o mal, e o mal traz o bem. À noite andamos sob o que está escrito lá em cima, somos igualmente insensatos em nossos anseios, alegrias e aflições. Quanto choro, freqüentemente penso que sou um tolo.”¹⁹

O que fica claro neste segmento é a intenção de Diderot em mostrar, através de palavras como *noite*, *insensatos*, *tolos*, *não sabemos*, a completa falta de luz e razão nestes reinos não esclarecidos. A caridade, assim como o voto de pobreza — crítica presente na história do Sr. Peterlier — caminham numa direção oposta ao ideário iluminista de ações e progressos dos indivíduos. A caridade, observada neste sentido, poupa talvez esforços e acomoda quem a recebe, concedendo, por outro lado, uma sensação de dever cumprido àquele que a oferece. Em todo o livro Diderot pretende criticar o homem imprudente que não é dono de si mesmo — fato observado na história do Sr. de Guerny²⁰ — ficando sujeito às determinações incertas do grande pergaminho, fazendo-o perguntar: “como pouco somos senhores de nosso destino, e quantas coisas estranhas estão escritas no grande pergaminho?”

Outra crítica que se faz freqüente dirige-se aos monges, aos freis e aos padres. Nas páginas 48 e 52 são narradas as peripécias e aventuras de “um carmelita esperto” — Jean, o irmão de Jacques — quase procurador e que por causa da sua astúcia foi punido pelos outros monges, tornando-se carvoeiro. Mesmo tratando-se de seu irmão, Jacques não poupa palavras em dizer que “o melhor dos monges não vale grande coisa.” Na seqüência observa-se entre as páginas 164 e 167 outra dura objeção em relação à vida no claustro. Para Diderot, “há um momento em que quase todas as mocinhas e rapazes caem na melancolia; o silêncio do claustro os toca... e tomam este sentimento pela voz de Deus. É precisamente quando a natureza os solicita que abraçam um gênero de vida contrário aos votos da natureza... O erro não dura; a expressão da natureza se torna mais clara: reconhecem-na, e o ser seqüestrado cai em lamentações, langor, vapores, loucuras, ou desespero...” Diderot está preocupado em denunciar o caráter anti-natural destas existências infelizes produzidas pela “virtude crista”; é a tirania do homem e as instituições religiosas as responsáveis por tal insanidade.

¹⁹ Ibid., p.92.

²⁰ Ibid., p.113.

homem, num ambiente onde as coisas não são o que parecem ser. Já na história da Sra. de Pommeraye e do Marquês de Arcis, o engano atinge o seu ponto culminante, pois é narrado o erigir de toda uma realidade ilusória, com as mais sórdidas maquinações por detrás dos mascaramentos. Conclusão: nem virtude, nem vício existem²⁴.

Nas histórias de amor de Jacques também há grandes equívocos: todos se enganam frente a aparente inocência do jovem. Isto se dá, sobretudo, na história das trocas de virgindades²⁴: Jacques e seu amigo Bigre, filho de seu padrinho, haviam se interessado pela mesma mulher, Justine; no entanto ela desdenha Jacques. Bigre dormia num sótão, onde realizava às escondidas os seus encontros, e certo dia é obrigado a ajudar o seu pai no trabalho, deixando a namorada acuada em seu quarto, sob a cama. Em sua inocência, o amigo conta a Jacques o ocorrido; este, por sua vez, em sua argúcia, dirige-se à casa do padrinho, reclamando pouso, uma vez que passara a noite à rua; o seu padrinho manda-o ir dormir no quarto de Bigre — encontra Justine e faz um acordo, sob chantagem: Bigre não saberá de nada. Jacques, no entanto, é o melhor amigo, e Justine a mulher mais honesta. A máxima moral de Diderot: todos se enganam.²⁵

Outrossim, nos relatos dos amores do Amo, contata-se este mesmo equívoco em relação à realidade por detrás das aparências. Na história do cavaleiro de Saint Ouin, este parecia ser o melhor dos amigos, ajudando ao Amo no cortejo de sua amada. Ao fim, o Amo descobre que seu amigo o traía com a mulher a quem amava. Mesmo no momento da confissão, onde o cavaleiro se oferece ao suicídio para compensar a sua falta, parece que, levando-se em conta o desdobramento da história, tudo não passara de uma tremenda encenação. Resultado: O amo é prezo e condenado a sustentar o filho bastardo, retrato de Saint Ouin. O desfecho deste episódio se dará ao fim do livro: Por ironia do acaso há um duelo final, no presente, onde o cavaleiro é derrotado e morto. Ao fim do livro o relato dos amores de Jacques se interrompe. Nas palavras de Diderot, “Jacques tinha razão quando dizia que estava escrito lá em cima que ele não terminaria o relato de seus amores, e quanto a isso cabe ao leitor usar a imaginação ou visitar Jacques na prisão.”²⁶ Prisão esta, devido a Jacques estar junto a seu Amo cumprindo pena pelo assassinato do cavaleiro de Saint Ouin.

Ao fato desta obra ter sido “a mais importante desde o Pantagrue”, segundo Diderot haveria memórias como um complemento final para esta

²⁴ Ibid., pp.114-140. Seria esta também uma forte crítica à aristocracia — uma sociedade sem valores — e sua exagerada preocupação com as aparências.

²⁴Ibid., p.188.

²⁵Ibid., p.188.

²⁶Ibid., pp.249-50.

história: Em certo dia festivo, encontrava-se Jacques em castelo de Desgland. Como estivesse tentando convencer uma senhorita de nome Denise a fazê-lo feliz, mas esta não cedia, resolveu então acusá-la de não o amar, atitude que a ofende, fazendo-a derramar lágrimas a pedido de que Jacques desfrutasse de sua virtude. Porém Jacques nada faz, temeroso do possível peso em sua consciência. Na sequência Diderot faz referência a Lawrence Sterne, sobre a possibilidade de plágio na história dos amores de Jacques: Outra vez, no castelo, enquanto todos dormiam, Denise invade o quarto de Jacques, tremendo; e como Jacques estivesse com dores insuportáveis, Denise se oferece a esfregar-lhe uma flanela sobre a ferida em seu joelho.²⁷ Jacques não resiste a tentação — entregando-se a paixão, beija a mão de sua amada. De acordo com o plagiador, Jacques teria beijado a mão de Denise porque desejava desposá-la; no entanto existiria, segundo Diderot, outra hipótese, levando-se em conta o fato de anteriormente Jacques ter querido que ela o fizesse feliz — o que deixava clara sua postura de não considerá-la necessariamente uma futura esposa.

A história finaliza-se com Jacques na prisão lembrando de seus princípios filosóficos. Certo dia a masmorra é arrombada, deixando Jacques livre em meio a uma dúzia de bandidos, a tropa de Mandrin. Quanto ao Amo, este é capturado e retido em outra prisão, mas logo é solto graças a um comissário, indo viver no castelo de Desgland. Algum tempo depois este mesmo castelo é atacado por um grupo de saqueadores, do qual Jacques fazia parte. O antigo servo termina por reconhecer o amo, interferindo e salvando o castelo da pilhagem. Ocorre posteriormente o encontro de Jacques, do Amo, de Desglands, Denise e Jeane²⁸. Conclusão: Jacques converte-se em porteiro do castelo, desposando Denise e sendo bem quisto por todos — uma vez que assim estava escrito lá em cima. O autor afirma que quiseram convencê-lo de que o Amo e Desglands se apaixonaram pela mulher de Jacques; esta última dizia: “ — Se estiver escrito lá em cima que serás corneado, Jacques, por mais que evites, tu o serás; se estiver escrito o contrário, que não serás, por mais que fizerem, não o serás; dorme, então, meu amigo... — e ele adormecia.”

No desfecho da história percebemos Jacques se portando como alguém totalmente tranqüilo, sem nenhuma culpabilidade. A postura que considera que “tudo já está escrito” termina por livrar o sujeito de qualquer responsabilidade pessoal. Esta total indiferença fundamenta o seguinte raciocínio: — Por que eu irei fugir dos assassinos? Por que irei fugir do meu destino? O que tiver de ser será. Dentro do livro há em especial algumas passagens que relatam exatamente esta circunstância. Pode-se simplesmente cometer qualquer atrocidade, e dizer que estava escrito lá em cima

²⁷Ibid., pp.251-252.

²⁸Ibid., p.253.

embriaguez com a religião. Para Diderot, em tom zombador, os inspirados pelo cantil eram grandes pensadores: — Estava escrito lá em cima, ou a espuma profética do meu sagrado cantil me disse...

Fontes

DIDEROT, Denis. *Jacques, o fatalista e seu amo*. Nova Alexandria, São Paulo, 1993.

KANT, E. “Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?” (Aufklärung. In KANT. *Textos seletos*. Petrópolis, Vozes, 1980.

Bibliografia

CASSIRER, Ernest. A filosofia do Iluminismo. Campinas, Ed. Da UNICAMP, 1994. Cap. 1: “O pensamento da era do Iluminismo”.

CHARTIER, Roger. “O Homem das letras.” In VOVELLE, Michel. O homem do Iluminismo. Lisboa, Editorial Presença, 1997.

GUINSBURG, J. Diderot: O Espírito das “Luzes”. In: *Obras I. Filosofia e Política*. São Paulo, Perspectiva, 2000.

ROMANO, Robert. Diderot à porta da caverna platônica: sonhos, delírios e figuras da razão. In: *Obras I. Filosofia e Política*. São Paulo, Perspectiva, 2000.

VOVELLE, Michel. O homem do Iluminismo. Lisboa, Editorial Presença, 1997.